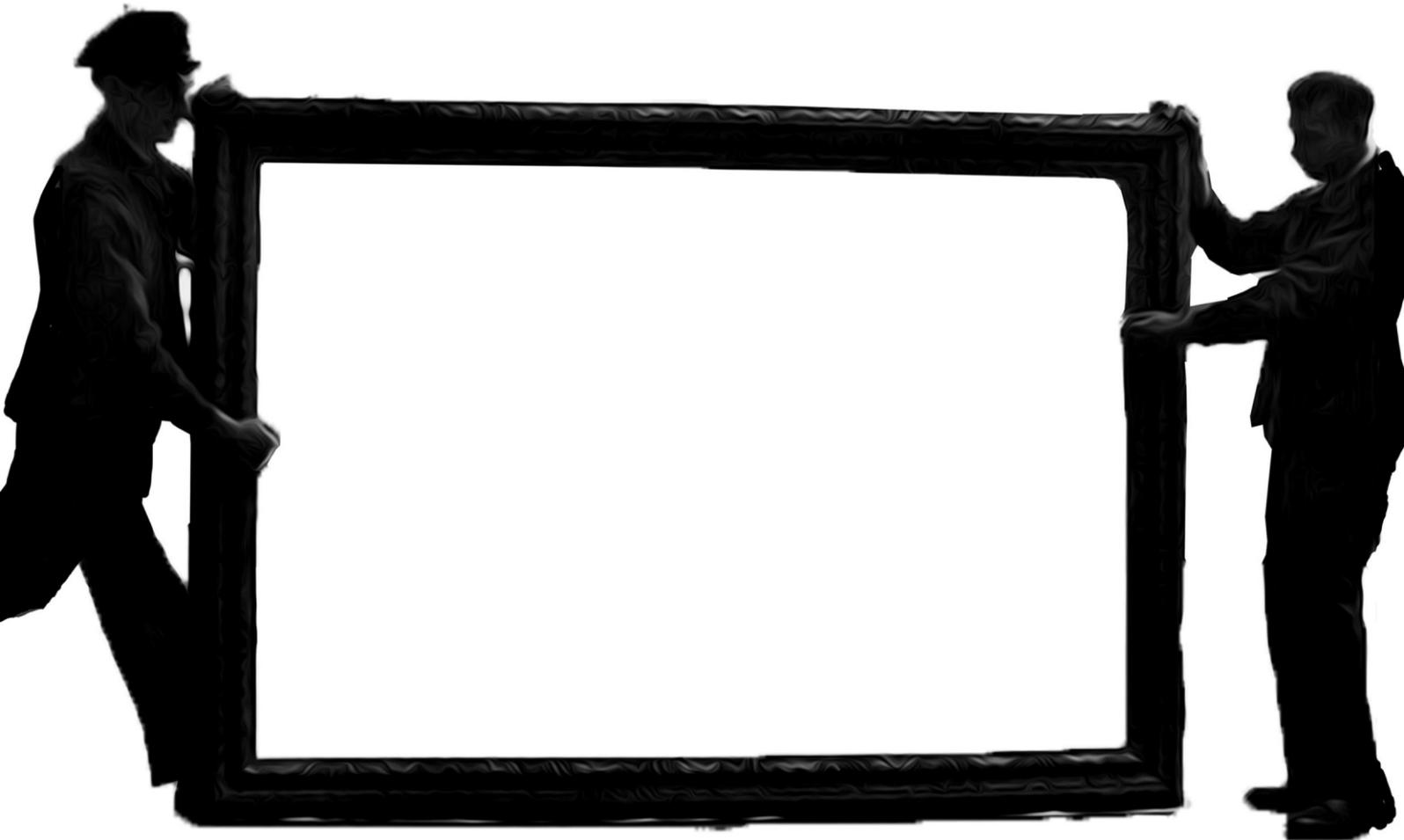


Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI/
IV Colóquio Internacional Coleções de Arte
em Portugal e Brasil nos Séculos XIX e XX



**ARTE E SEUS LUGARES:
COLEÇÕES EM ESPAÇOS REAIS**

Ana Cavalcanti, Arthur Valle, Maria João Neto,
Marize Malta, Sonia Gomes Pereira (coordenadores)

Rio de Janeiro, EBA/UFRJ, 2017



UFRJ



LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Universidade Federal do Rio de Janeiro



LETRAS
LISBOA



INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

MUSEU
D. JOÃO VI



CAPES

Grupo de Pesquisa
ENTRESSÉCULOS

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES



**Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI /
IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em
Portugal e Brasil nos Séculos XIX e XX**

**ARTE E SEUS LUGARES:
COLEÇÕES EM ESPAÇOS REAIS**

**Novembro, 2017
Rio de Janeiro/RJ**

Roberto Leher

Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Flora de Paoli Faria

Decana do Centro de Letras e Artes

Carlos Gonçalves Terra

Diretor da Escola de Belas Artes

Madalena Grimaldi

Vice-Diretora da Escola de Belas Artes

Felipe Scovino

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Ana Cavalcanti

Coordenadora do Museu D. João VI

ARTE E SEUS LUGARES: COLEÇÕES EM ESPAÇOS REAIS

Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX.

Coordenação

Ana Cavalcanti
Arthur Valle
Maria João Neto
Marize Malta
Sonia Gomes Pereira

Organização editorial

Adriana Nakamuta

Capa

Rafael Bteshe

Apoio editorial

Marco Antonio Pasqualini de Andrade

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

A700

Arte e seus lugares: coleções em espaços reais. Seminário do Museu D. João VI/ IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX (1. : 2017 : Rio de Janeiro)

Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX [edição digital], 08-10 novembro 2017, Rio de Janeiro (RJ), Brasil ; organizado por EBA/PPGAV e Museu D. João VI - Rio de Janeiro, 2017.

"Arte e seus lugares: coleções em espaços reais"

ISBN 978-85-8714573-4

1. Acervos. 2. Coleções. Brasil-Portugal. I. Museu D. João VI. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Arte e seus lugares: coleções em espaços reais

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Pesquisa Entresséculos é ligado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes (PPGAV) da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e reúne as pesquisadoras Ana Cavalcanti, Marize Malta e Sonia Gomes Pereira. Desde 2010 organiza seminários anuais sempre voltados para a discussão da arte brasileira nos séculos XIX e XX.

Inicialmente comprometido com o estudo e a valorização do acervo do Museu D. João VI da EBA / UFRJ, seu território de interesses tem-se ampliado. Em 2014 teve início uma parceria com o ARTIS (Instituto de Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) - liderada pela professora Maria João Neto pelo ARTIS e por Marize Malta pelo PPGAV - em torno do tema coleções de arte em Portugal e Brasil, que se tem desdobrado em colóquios internacionais anuais, alternando-se entre Lisboa e Rio de Janeiro.

Neste ano de 2017, os dois eventos se uniram: VIII Seminário do Museu D. João VI e IV Colóquio Internacional Coleções de Arte. Tomando como tema a questão dos lugares da arte e seus espaços reais, procurou explorar cinco eixos principais de discussão: Em percurso: uma obra, vários lugares; Locações de obras e modos de aparição; Privativo: coleções em intimidade; Por debaixo dos panos: o avesso das obras; Vir a público: meios de compartilhamento no real; e Materialidades e suportes de coleções.

Ao mesmo tempo, temos procurado nos unir a pesquisadores de outras universidades brasileiras que compartilham conosco interesses temáticos e abordagens metodológicas. É o caso do professor Arthur Valle, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que, desde o ano passado, tem trabalhado conosco nesses seminários.

É, portanto, como fruto desse trabalho conjunto que apresentamos este livro. Ele compreende a totalidade dos trabalhos apresentados no evento: palestras, comunicações e pôsteres. Reúne pesquisadores de vários estados do Brasil, assim como colegas de Portugal, França e Argentina.

Para a realização do evento e dessa publicação, contamos com o apoio de várias instituições e pessoas. Entre as instituições, destaco o Museu Nacional de Belas Artes – que nos tem apoiado há alguns anos – e a CAPES, da qual recebemos recursos, que possibilitaram, especialmente, a vinda de especialistas estrangeiros. Quanto a pessoas, colegas e estudantes de graduação e pós-graduação têm sido sempre um apoio indispensável. Entre eles, gostaria de destacar Adriana Nakamuta e Marco Antonio Pasqualini de Andrade – ambos em pós-doutorado no nosso programa em 2017 –, além de Flora Pereira Flora e Rafael Bteshe – entre alunos e ex-alunos.

Esperamos que esse livro sirva para divulgar as novas abordagens que historiadores da arte – brasileiros e estrangeiros – têm realizado dentro do cenário mais amplo de uma revisão historiográfica da arte tanto brasileira quanto ocidental.

Rio de Janeiro, novembro de 2017.

Ana Cavalcanti
Arthur Valle
Maria João Neto
Marize Malta
Sonia Gomes Pereira

PAINÉIS DE FORMATURA NO ACERVO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE: UMA VISÃO DO AVESSO

Sandra Makowiecky
Beatriz Goudard

Introdução

O Museu da Escola Catarinense (criado em 1992), está localizado em edifício que foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense* (1892 - 1926), em Florianópolis. Trata-se de um edifício tombado como Patrimônio Histórico e é um monumento que permeia a história da Educação em Santa Catarina. O MESC tem como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à Educação. Integra oficialmente os Sistemas Nacional e Estadual de Museus e possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Apresenta salas de exposição de caráter permanente, todas de conteúdo didático e pedagógico, com acervo de móveis, livros, brinquedos. Nas paredes é possível vislumbrar uma tradição que se perdeu com os anos: os quadros/painéis de formatura. No século passado era costume que cada turma depois de formada deixasse de recordação para a instituição, um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados. Os quadros que retratavam os alunos da Escola Normal e Instituto Dias Velho se perderam no tempo, mas no Museu são apresentados outros quadros contemporâneos àqueles, que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina e foram recuperados pela equipe técnica do MESC e por profissionais de restauração (Fig.1). O objetivo desta comunicação é contar esta história por seu avesso e por debaixo dos panos. Se trata de uma história em que a exibição dos quadros na parede não permite perceber. Atendendo à laudo exarado por especialista, procedeu-se ao que foi recomendado, recuperando um acervo que constitui registro importante da memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Dos 13 (treze) painéis recebidos, conseguimos recuperar todos, sendo que dois deles estavam praticamente destruídos, os de 1946 e 1949 (Fig.2). Este trabalho de grande envergadura, apresenta várias problemáticas com os quais nossos museus se defrontam, tanto por suas dificuldades operacionais, financeiras, por falta de investimentos bem como de equipes especializadas.

Sobre a Academia de Comércio de Santa Catarina

Petry (2013), (Faria et al., 2014), (Sanson e Nicolau, 2006) e Vieira (1986) descrevem a história, que reproduzimos, sinteticamente. Em Florianópolis, as primeiras tentativas de criar um estabelecimento de nível superior datam do início do século XX. No governo de Vidal Ramos o ensino público catarinense foi reestruturado e, nesta campanha de reforma

pedagógica, a Escola Normal foi o primeiro estabelecimento de ensino a ser reformulado. Até então as unidades escolares mais destacadas em Florianópolis eram o colégio Coração de Jesus, o Ginásio Catarinense, a Escola Normal e o liceu de Artes e Ofícios. Após completar o curso ginasial, os alunos não tinham perspectivas de continuidade nos estudos dentro da capital, ingressando então nas atividades profissionais, ou, poucos, que dirigiam-se a centros maiores, dedicavam-se a algum curso superior. Desta carência educacional surgiu a intenção de implantar um estabelecimento de ensino superior na capital. Criou-se então o Instituto Politécnico, a princípio sem sede própria, funcionando num sobrado alugado situado à rua João Pinto, nº 411, de propriedade do Liceu de Artes e Ofícios. O Instituto Politécnico de Florianópolis foi a primeira instituição de ensino superior do Estado de Santa Catarina, sua fundação data de 13 de março de 1917, sob a liderança de José Arthur Boiteux, considerado o patriarca do ensino superior no Estado e era uma instituição privada que dependia, em parte, de subsídio público. Durante sua existência ofereceu diversos cursos, dentre eles, os de Odontologia, Farmácia, Engenharia (Geologia), Veterinária, Botânica, Agrimensura e Topografia. Desde o início oferecia também cursos de técnicas comerciais: o preparatório, com dois anos, e o de especialização, com três anos (Vieira, 1986, p. 51). Infelizmente, esses cursos não atraíram estudantes dos melhores colégios, em geral filhos das famílias mais ricas, que preferiam uma formação que os levasse às áreas tradicionais, tais como Direito, Medicina e Engenharia, na época só possível fora do Estado. A demanda foi fraca também por parte dos estudantes de menor renda ou que trabalhavam, apesar de os cursos serem noturnos. O Instituto Politécnico era submetido à fiscalização federal e estadual. Até 1922, a diretoria do Instituto dedicou-se à implantação de diversos cursos e à instalação das unidades pedagógicas necessárias. Neste período o governador Hercílio Luz cedeu a área de terra para a construção do prédio próprio do Instituto. Foi aberta concorrência para confecção da planta, feito o orçamento do novo edifício e lançada a sua pedra fundamental, acontecimento solene ocorrido no dia da comemoração do centenário da independência do Brasil. Em 1923 o Instituto Politécnico foi reconhecido como de utilidade pública, por meio de decreto federal.

O governo liberou verba para a construção do seu prédio em um terreno situado na avenida Hercílio Luz, antiga avenida do saneamento, entre as ruas Nunes Machado e General Bittencourt. Além do auxílio financeiro dos governos Federal e Estadual, o Ministério da Agricultura, banqueiros, industriais e comerciantes catarinenses doaram diversos materiais para a construção do prédio, num terreno de 720m², com uma área edificada de 682m², o que constituía na época, depois do prédio da Escola Normal, o maior prédio da cidade de Florianópolis (onde hoje funciona o Museu da Escola Catarinense). A transferência dos

alunos para seu prédio definitivo ocorreu entre 1924 e 1925. Em 1926, 1928 e 1929 surgiram novas questões sobre a condução das obras do prédio, referindo-se às instalações de água, luz, esgoto, pintura e acabamentos o que dificulta datar a sua exata conclusão. Os cursos de técnicas comerciais do Instituto, segundo as evidências disponíveis, formaram a última turma em 1930, tendo sido a primeira das quatro áreas a fechar (Vieira, 1986, p. 62). Com a morte de Boiteux, em 1934, o instituto encerrou suas atividades no ano seguinte, e em 1935, foi extinto o Instituto Politécnico. Ao encerrar seus últimos cursos, o Instituto tecnológico foi absorvido pela Escola Prática de Comércio em meados de 1934/35. O prédio passou a abrigar a Escola do Comércio de Santa Catarina, subordinada ao então Departamento de Educação. A Instituição foi criada pelo Decreto Estadual nº 782 de 5 de abril de 1935 que previu a adoção do Instituto Politécnico pelo Estado, tendo este ficado com a incumbência de manter o curso de Comércio. Mesmo tendo sido criada por força de Decreto Estadual, em 1935, a Academia de Comércio, a partir de 1938, retornou à condição de sociedade civil sem fins lucrativos. Foi por iniciativa de professores do Instituto Tecnológico que surgiu a Faculdade de Direito de Santa Catarina, cujo funcionamento começou em 1932. Essa faculdade, no entanto, teve suas primeiras aulas em outro prédio do centro da cidade, junto à Praça XV. E ali, no primeiro dia letivo do novo curso, foi proferida pelo Prof. Henrique da Silva Fontes a primeira aula catarinense de Economia em nível superior. A disciplina era Economia Política e Ciências das Finanças. Desta forma, o Instituto Politécnico foi a primeira instituição universitária do Estado, precursora da Faculdade de Direito (1932), que foi a semente da UFSC, no final da década de 1950. Em 18/12/1960, foi uma das faculdades fundadoras da Universidade de Santa Catarina, atual UFSC (Lei no 3.849/60), de onde saiu também, o Curso de Economia. Muitos dos alunos que fizeram curso superior na Academia de Comércio, também continuaram seus estudos na UFSC, em especial, em Direito.

Esse curso era ainda do tipo misto, mas surgiu na época em que se discutia, no Brasil, a separação entre Economia e Contabilidade. A reforma de 1945 as separou. Isso transformou o Curso Superior – que estava em processo de reconhecimento oficial junto ao Ministério da Educação – no Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas. O Curso Superior de Administração e Finanças, que concedia o diploma de Bacharel em Ciências Econômicas, foi criado em Florianópolis pela Academia de Comércio no mês de agosto de 1942 e começou a funcionar no início do ano letivo de 1943, com uma turma de cinco alunos. Era uma instituição mantida por uma associação, mas sustentada pelo governo, que financiava as bolsas de estudos dos alunos. A Portaria nº 512 de 11/12/1945 (do Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação) alterou sua

denominação para Curso de Ciências Econômicas. O curso recebeu reconhecimento oficial pelo Decreto Federal 37.994/55. Seu corpo docente foi inicialmente formado por alguns professores catedráticos da Academia de Comércio. Foram também expedidos convites a professores da Faculdade de Direito de Santa Catarina para regência de outras cadeiras. A Academia de Comércio de Santa Catarina era mantida basicamente por subvenções do governo do Estado e por taxas de matrícula e mensalidades dos alunos. A Academia enfrentou problemas financeiros para manter o novo curso, que só não foi interrompido em 1950 porque professores concordaram em lecionar gratuitamente naquele ano. Nos anos seguintes, o orçamento da Academia voltou a equilibrar-se, principalmente a partir de 1954, quando o prof. Elpídio Barbosa, nome de projeção junto ao governo estadual, assumiu a direção da Faculdade. A partir de 1958, a Faculdade passou a receber subvenção federal e em 1959 obteve do governo do Estado, dez apólices inalienáveis no valor de 10 milhões de cruzeiros, que lhe renderiam juros de 5% a.a. O governo estadual também lhe cedeu para uso o prédio da Travessa Ratcliff, no centro de Florianópolis. Nesse mesmo ano, a partir de 09 de dezembro, com as novas fontes de recursos e o novo prédio, a Faculdade de Ciências Econômicas tornou-se independente da Academia de Comércio.

A Academia de Comércio de Santa Catarina funcionou no prédio até a década de 1990, quando foi extinta. Em 2010 foram inauguradas as obras de restauração da edificação, em um ato onde foi sancionada a lei que autoriza a cessão e o uso do imóvel pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Academia Catarinense de Letras, duas instituições também fundadas por José A. Boiteux, sendo que o prédio recebeu a denominação de Casa José A. Boiteux, em merecido reconhecimento. José A. Boiteux, nascido em Tijucas, em 1865, foi jornalista, deputado, historiador e advogado. Sua participação na vida intelectual foi constante, nos deixando extenso legado.

Este relato sobre a Academia do Comércio tem por objetivo realçar a importância desta Instituição na formação de catarinenses ilustres e na vocação do ensino superior da Ilha de Santa Catarina, o que irá reforçar a importância da preservação dos painéis. Pelas fotos e nomes constantes no painéis, percebemos de imediato, nomes de homens e mulheres que participaram ativamente da construção de uma sociedade mais representativa, sobretudo na produção e transmissão de conhecimento como professores, advogados, prefeitos, administradores públicos, entre tantos outros. Personalidades que saíram mais fortes dos processos educacionais, reinventando as regras de convívio para além dos interesses meramente personalistas e individualizantes ou das práticas da omissão e da indiferença. Essas histórias precisam ser revistas, necessitando pesquisas sobre cada painel.

Sobre os Painéis de Formatura/ Quadros de formatura

Como sabemos, no século passado era costume que cada turma depois de formada deixasse de recordação para a instituição, um quadro com fotografias dos alunos, mestres e homenageados. Infelizmente, quase desapareceu um dos mais importantes registros históricos de nossas escolas: o quadro de formatura. No passado, eram verdadeiras relíquias, feitos por artesãos reconhecidos, peças que enobreciam escolas e que faziam parte da história dos formandos.

Podemos dizer que são verdadeiros monumentos, obras comemorativas ou uma recordação importante a ser perpetuada, um sinal do passado, na conceituação de Jacques Le Gooff: “O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (1990, p. 536). Segundo Werle (2006, p.9 -10) os quadros de formatura são monumentos que comemoram a conclusão do curso, perpetuam a memória do acontecimento e do grupo, são uma forma específica do mesmo grupo estar e apropriar-se da instituição escolar - dimensão pessoal/grupal de sucesso -, proclamam a presença institucional na memória coletiva e o sucesso da escola no alcance de seus objetivos e missão pedagógica -, dimensão institucional de sucesso. Apresentam um significado social afirmativo para a escola e para o grupo de alunos formados.

Até os colégios tinham e preservavam os quadros de formatura. Além de contribuição histórica como registro de alunos, muitos dos quais se tornaram e são personalidades da cidade, do estado e do País, são peças de artesanato primorosa. Isto de um foto f ílico e artesanato, os quadros de formatura podem ser analisados sob diversas perspectivas. Uma delas, trata da perspectiva de objetos pertencentes ao acervo da cultura material escolar na concepção proposta por Souza (2007), que permite compreender esses objetos como documentos de investigação histórica que possibilitam tanto a análise de sua materialidade quanto das relações intrínsecas provocadas pelos usos, por suas compreensões, pelo registro da história. Dessa forma, os quadros de formatura da Academia do Comércio de Santa Catarina, podem ser entendidos como objetos componentes da cultura material do lugar, que guardam em sua materialidade a capacidade de perenizar rituais, saberes e práticas na passagem do tempo. Alguns destes quadros de formatura eram mais simples, com moldura, fotografias e desenhos. Outros, extremamente elaborados, em madeira maciça, de grandes proporções. A análise desses artefatos, onde predominam imagens fotográficas, os concebe como suportes de marcas que podem revelar

nuances do investimento político, institucional e pessoal engendrados pela efervescência da construção social de necessidades e crenças na formação através da educação. São componentes de uma trama de relações da tessitura social constituída por seus produtores e consumidores que, em contato com eles, deram sentido mútuo as suas existências no universo de uma escola pulsante, de saberes e práticas vividas, sentidos e reproduzidos (COELHO Jr, 2013). Todavia, cabe ressaltar, não chegamos neste estágio ainda. Neste trabalho, trataremos de outra coisa: a pulsão de morte, vista por seu avesso. Estes painéis e sua história nos remetem de imediato a pulsão de morte a que se refere Derrida, em “al de a quivo”, uma pulsão de agressão e de destruição que impele ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória.

A pulsão de morte é acima de tudo, anarquívica [...] sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora do arquivo. A pulsão de morte é também uma pulsão de agressão e de destruição, ela leva não somente ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória como mneme ou anamnesis, mas comanda também o apagamento radical, na verdade a erradicação daquilo que não se reduz jamais à mneme ou à anamnesis; a saber, o arquivo, a consignação, o dispositivo documental ou monumental (DERRIDA, 2001, p. 21-2).

Como evitamos a morte desses painéis? Em sendo salvos, para que poderão ser úteis? Em texto muito elucidativo de Werle (2006), denominado: “Ancorando quadros de formatura na história institucional”, podemos ampliar o conhecimento sobre estes objetos. A autora se refere a quadros mais simples e aos painéis mais complexos, como os do Museu da Escola. Iremos nos deter nestes, utilizando as descrições que constam do texto. Diz a autora, que os quadros de formatura não são apenas fotografias de um conjunto de formandos, mas são fotografias de um grupo de alunas(os), concluintes de um curso, identificados individualmente, organizados numa totalidade - o quadro - referidas ao momento histórico e às propostas da escola, tendo como finalidade colocar-se como conjunto articulado, em exposição, nas dependências da escola. As fotografias em suas propriedades – papel plano, em preto e branco – nas quais as pessoas fotografadas – alunos, homenageados, paraninfo – são representados em face e busto, homogeneizados pela iluminação, dimensão, formato – geralmente ovais - pela vestimenta e pela posição, são articuladas, superando a redução aos indivíduos representados em cada uma delas isoladamente, rearticuladas num todo: o quadro de formatura. Tais quadros (início do século XX) são peças grandes - alguns com dois metros de altura -, agregando fotografias sustentadas em madeira pintada ou esculpida em relevo. Quando feitos de variados tipos de madeira, exploram esteticamente, texturas e tons de espécies diferentes. Não apenas esculturas, mas dizeres compõem a estética dos quadros de formatura. Os elementos escritos são identificadores da instituição escolar, da cidade em que a escola se situa, do ano de conclusão e sempre trazem o nome completo

dos alunos, alguns mencionam a cidade de origem, bem como dos professores homenageados e paraninfo, ancorando as imagens no social, no institucional, no tempo e no espaço. Os quadros de formatura dão visibilidade às pessoas que passaram pela escola e ao acontecimento de sua formatura, adornam os corredores da escola e são uma peça apreciável, digna de ser guardada. Eles são um objeto cultural que tem uma intenção determinada: celebrar um fato notável, não cotidiano – a conclusão de um curso –, festejado como uma solenidade – a formatura marcada com vestes não usuais, postura estudada –, importante de ser lembrada. Os quadros de formatura hierarquizam. Alunos são homogêneos em roupas, cabelos e poses, bem como na regularidade com que as fotos são distribuídas no conjunto do quadro. Em separado, e em fotos de maiores dimensões do que as dos alunos, estão homenageados e paraninfo, figuras ilustres, por isto, maiores, distintas e articuladas, como grupo, em espaço diferente do de alunos. Não há mulheres parainfando turmas de formandos, ou seja, o lugar de patrono ou protetor de turma estava, na época, reservado a homens. Os quadros de formatura, na época em que foram construídos eram expostos em salas de visitas, em salões reservados para solenidades, em corredores. No Museu, encontram-se na sala Euterpe, constituindo parte do acervo museológico, em uma ideia de imersão (Fig.3), derivado do latim *immersio*, sinônimo de mergulho, que significa possibilitar a introdução dos visitantes do museu num determinado ambiente, seja este real ou imaginário. Este movimento de olhar projetado para o passado é discutido por Agamben em *O que é contemporâneo?* no livro “O que é contemporâneo e outros ensaios” (2009), quando diz que a “via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma janela” (p. 70) no sentido de situações que já aconteceram, já foram vividas e no presente não podemos mais viver nem alcançar, um olhar para o não vivido no que é vivido, um movimento que não cessa em se repetir. Tais quadros e sua exposição pública explicitam redes de relacionamento pessoal e a importância institucional.

Os símbolos utilizados nos painéis.

Os painéis de formatura também contextualizam valores de época. Observa-se pelo texto de Werle (2006), que era muito comum que os quadros/painéis fossem decorados com esculturas que lembram instrumentos de estudo e leitura – mapa mundi, mapa do Brasil, mapas dos estados, das cidades, esquadro, pergaminho, compasso, livros - elementos cívicos – bandeira dos estados e do Brasil, escudo nacional, pira da pátria, entre outros – e religiosos – imagem de santos, Nossa Senhora e Cristo (Fig.4). De maneira geral, apresentam uma aparência ordenada, sóbria e coerente. Identificam-se como elementos contextualizadores, ao lado da moldura e suas esculturas, os lemas inscritos nos quadros e a indumentária dos fotografados. As vestimentas também formam padrões. Chapéus, paletó

e gravata, no mais das vezes com padrões definidos entre os formandos. As fotos de professores homenageados e paraninfos não mantêm um único padrão como as dos formandos(as) que olham para um mesmo lugar, inclinam a cabeça uniformemente e transmitem, em seu conjunto, um significado de alinhamento disciplinado.

Outros elementos comuns são os lemas, um preceito escrito, uma sentença. Os lemas dos quadros de formatura são breves afirmativas escritas em latim ou português. Um bastante significativo no painel de 1945 da academia do Comércio é: “La o Omnia Vincit” - “O t a alho vence tudo”, f a mento de ve sos de Vi ílio, que se to na am p ove iais. Outro elemento bastante presente é o Caduceu de Mercúrio, que é a insígnia do Deus do Comércio. O Caduceu que nada mais é do que um bastão (poder, que no caso, tem por objeto o patrimônio de quaisquer entidades), entrelaçado com duas serpentes (sabedoria, isto é quando se deve estudar antes de agir, para escolher o caminho correto e ao mesmo tempo mas vantajoso para o cliente), tendo na parte superior duas pequenas asas (diligências, ou seja, a presteza, a solicitude, a dedicação e o cuidado no exercer da profissão) e um elmo alado (pensamentos elevados, uma peça de armadura antiga que cobria a cabeça, tem significado de proteção contra pensamentos baixos que levem a ações desonestas), e que é um dos atributos do deus Mercúrio (Hermes), protetor do comércio, emblema da paz e prosperidade. Os livros, muito comuns, adequados para a nutrição do espírito e da mente. A roda da Fortuna, presente no painel de 1949, uma roda com seis raios, indica destino, reflexão, em que tudo acontece a seu tempo, fazendo lembrar da garantia de cumprimento de um destino, representado pela lei de causa e efeito e também pela lei da compensação. Fortuna quer dizer sorte, destino e não fortuna material.

De uma flor e vaso, no painel de 1945 – *Administração e Finanças*, saem moedas. Outro símbolo recorrente são as Tábuas da Lei com a legenda “LEX”, que advém da antiga tradição judaica de que a lei foi entregue por Deus a Moisés em tábuas, contendo os Dez Mandamentos. No caso, mencionam 12 leis. Há cinco focos temáticos que predominam nos lemas dos quadros de formatura, conforme o caso: religião, ascese, sucesso, civismo e ciência. Ascese é uma ideia que se estabelece na relação com sucesso e religião. O mapa de Santa Catarina, elementos da Cidade de Florianópolis, como a Ponte Hercílio Luz (painel de 1940) também aparecem. Os lemas compunham, com as esculturas dos quadros, um contexto simbólico modelar para os(as) formandos(as), alinhados com as propostas formativas da instituição. Um lema inscrito num quadro de formatura, sempre exposto à vista, tem um impacto mais permanente, como que relembrando seu conteúdo constantemente.

O processo de recuperação dos painéis da Academia de Comércio: uma visão do avesso.

Os painéis que pertenceram à extinta Academia de Comércio de Santa Catarina, foram doados ao MESCC em 2005, ficando por praticamente 7 (sete) anos, abandonados. A recuperação pela equipe técnica do MESCC, com pesquisa, sistematização e guarda do material, iniciou no ano de 2013 e na parte de recomposição técnica, por Cassiano Reinaldin e por Dario Luciano de Aguiar e Emília Aguiar, entre os anos de 2015, 2016 e 2017. Não sabemos precisar em que estado de conservação chegaram ao MESCC, mas com certeza já estavam infectados por xilófagos. As fotos (Fig.5) mostram o estado de decomposição em que se encontravam os painéis, que aos poucos foram recuperados. O Laudo do Estado de Conservação dos painéis em madeira e composição fotográfica da Escola do Comércio – Florianópolis, que recebemos em 2013, realizado por Márcia Regina Escorteganha, Conservadora-Restauradora da Fundação Catarinense de Cultura, atestava o estado de degradação geral dos painéis. Após este laudo, procedemos ao que foi recomendado e hoje, estamos com 13 (treze) painéis, podendo mostrar em nosso museu, o que conseguimos recuperar, bem como fotografias que constituem um registro importantíssimo da memória dos catarinenses ilustres que tiveram sua formação escolar na Academia do Comércio. Recomendava a retirada urgente do suporte secundário, dizendo que a medida era necessária por se tratar somente de um suporte de sustentação que não afetaria a estruturação nem a estética da obra em si, além disso com estado de degradação avançado e a infestação por insetos xilófagos generalizada, o que tornava inviável sua conservação. Portanto deveria ser descartado para não contaminar o restante do acervo e nem mesmo as estruturas arquitetônica do Museu Escola Catarinense. Esta retirada deveria ser efetuada por um profissional conservador e com os devido cuidados em manter intacta a estrutura original do suporte principal. Indicava ainda formas de armazenamento dos elementos dos painéis, das fotografias, em que as áreas em desprendimento deveriam ser acondicionadas e agrupadas em dossiês relativos a cada painel e fornecia também instruções para sua remontagem posterior, indicando realizar um registro fotográfico detalhado e descritivo de cada um dos painéis (Fig.6). Ao nosso modo, empreendemos a tarefa, tirando molde em papelão, fazendo anotações sobre as imagens e sua localização.

Em 3 (três) painéis (1938, 1939 e 1943), os suportes secundários originais foram mantidos, bem como os ornamentos originais. Em outros 9 (nove) painéis, a saber – 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1945 - adm. e finanças - 1947, 1949, 1950 - os suportes originais foram descartados e foram criados novos suportes secundários, mantendo ornamentos originais, bem como reposição de ornamentos faltantes, através de recuperação cuidadosa e atenta

aos detalhes, usando também chapas que reproduzem a madeira da época de criação desses quadros de formatura. Dois dos painéis, a saber – 1946 e 1949 - estavam praticamente destruídos por insetos xilófagos e foram refeitos através de registros fotográficos, mantendo e mesclando os ornamentos e letras originais e recuperadas, quando possível. Do painel de 1946, praticamente tudo precisou ser refeito, era o mais danificado. Dos 13 (treze) painéis recebidos, conseguimos recuperar todos, sendo que dois deles estavam praticamente destruídos. O que seria essa visão do avesso? De fato, para que esses painéis continuassem a existir, muitas batalhas foram travadas, desde o convencimento dentro da Universidade para contratar especialistas que realizassem sua reconstituição, procurando soluções dentro das leis de licitação, até admitir que a própria Universidade deixou este material se deteriorar por um bom tempo. De 2005 a 2012, eles ficaram jogados em uma sala, sem o menor cuidado, sendo que neste período, os cupins continuaram em sua ação frenética a devorar a madeira e por conta de uma reforma no telhado do Museu, alguns painéis receberam água da chuva, o que estragou muitas das fotos, em um final de semana sem assistência alguma, acrescido do fato de que estavam completamente desprotegidos. Ressalta-se que apesar de providenciarmos uma avaliação técnica e contar com ajuda de conservadora em orientação para desmonte, a equipe que atuou no trabalho não tem formação na área. O trabalho foi feito com intuição, planejamento, sentido de organização e muito cuidado. Em 2017, concorreu ao Premio Rodrigo Melo Andrade Franco de Andrade, que prestigia as ações de preservação do patrimônio cultural brasileiro, por Santa Catarina. Jacques Derrida, em *“Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível”* (2012), diz que temos a necessidade de memória, porque temos o medo de perder. Para Derrida, “O a quivo, não é uma questão de passado, é uma questão de futuro” (p. 132), pois selecionamos o que consideramos que seja importante e o que precisamos que se perpetue no futuro. “É o que fazemos todo o tempo na vida, a pulsão de arquivo: o que vamos deixar de lado e o que vamos repetir?” (p. 132). A memória no arquivo está em trazer para a atualidade o que está distante e dar continuidade ao passado garantindo que este sobreviva amanhã. Para Didi-Huberman (2012, p. 130), o arquivo é sempre “uma história em construção”, pois a cada nova descoberta aparece nele como uma “peça na história concebida”, uma singularidade que o investido vai unir com tudo o que já se sabe e para a possibilidade “produzir uma história pensada do acontecimento em questão”. Importante destacar que alguns visitantes, quando entram no ambiente de imersão com os painéis de formatura, acabam por emocionar-se de tal forma que nos surpreende verificar o efeito que exercem na memória das pessoas. Muitos relatam fatos e histórias vivenciadas naquela época, outros buscam por familiares e/ou conhecidos que podem estar ali. Outros, mais jovens, ficam extasiados com a riqueza de detalhes que se

apresentam nestes painéis, como por exemplo os entalhes na madeira e o significado destes detalhes. O que sabemos até o momento está aqui descrito sinteticamente, esperando que o futuro reserve a esses painéis, novas e mais completas arqueografias.



Fig. 1. Treze painéis em estado original (2012), antes de recuperação. O painel de 1947 aparece em frente e verso. Acervo MESAC. Nas fotos nesta dimensão, não são perceptíveis os estados de degradação do material.

Fig. 2. Treze Painéis após a recuperação (2017). Um deles, do ano de 1946, em processo final. Acervo MESAC.



Fig. 3. Vista geral da sala expositiva, onde os painéis estão expostos como acervo (2017). "Ime são". Acervo MESAC.

Figura 4. Símbolos presentes na ornamentação: Flores, caduceu, Lex com doze leis, lemas em latim, fotografias, livros, mapa de Santa Catarina. No detalhe, a fotografia de João Makowiecky, pai de uma das autoras, painel de 1945, que depois cursou Direito. Acervo MESAC.

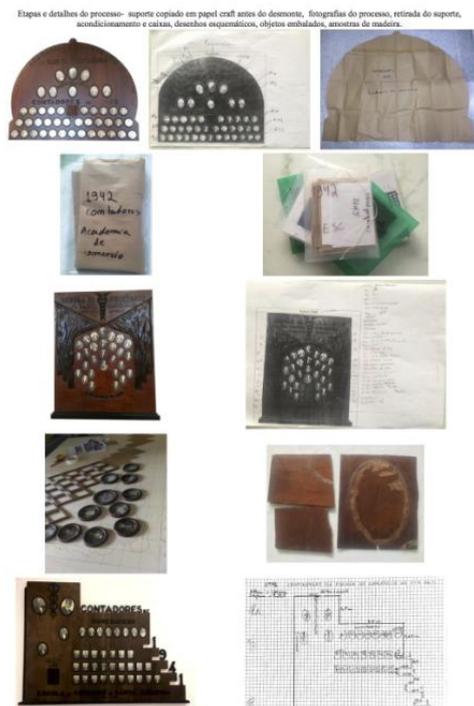


Figura 5. Painéis em estado original (2013) , antes de recuperação, em que se observa o estado de degradação. Acervo MESAC.

Figura 6. Detalhes das etapas do processo de desmonte e acomodação das peças para armazenamento (2013), no aguardo da recuperação. Acervo MESAC.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- COELHO JR., Nelson Maurilio. **Relicários de um tempo: os quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus 1922 -1929** (contribuições para o estudo da história da educação em Santa Catarina) / Nelson Maurilio Coelho Junior. – 2013. 160 p. il.; 30 cm . Dissertação de Mestrado, UDESC.
- COSTA, Licurgo. **Antecedentes do curso de Direito em Santa Catarina**. Disponível em < <http://ccj.ufsc.br/historico/>>. Acesso em 20 ago. 2017.
- DAMIAO, Carlos. **Memória de Florianópolis: Nossa educação superior quase centenária**. Disponível em < <https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/memoria-de-florianopolis-nossa-educacao-superior-quase-centenaria>>. Acesso em 20 ago. 2017
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa: KKYM, 2012.
- FARIA, J. E. S; Santos, A.V.dos e Valle, I.R. **A Matemática como Disciplina da Academia de Comércio de Santa Catarina**. ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.7, n.2, p.3-21, novembro 2014 ISSN 1982-5153. P. 3-21. Disponível em < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/viewFile/38213/29117>>. Acesso em 20 ago. 2017.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- PETRY, Eduardo. **Academia de Comércio de Santa Catarina**. Disponível em < <http://santacatarinaantiga.blogspot.com.br/2013/05/academia-de-comercio-de-santa-catarina.html>>. Acesso em 20 ago. 2017.
- SANSON, J. R. e Nicolau, J.A. **Do ensino de técnicas comerciais ao ensino de economia em Santa Catarina**. Análise. Revista de Administração da PUCRS.Porto Alegre. V.17, n.2, jul/dez.2006, P. 297 -312. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/311/248>>. Acesso em 20 ago. 2017.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **História da cultura material escolar: um balanço inicial**. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.
- VIEIRA, Amazile de Hollanda. **O Instituto Polytechnico no contexto sócio-cultural catarinense**. Florianópolis: A&P, 1986.

ARTE E SEUS LUGARES: COLEÇÕES EM ESPAÇOS REAIS
Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções
de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX.

COORDENAÇÃO

Ana Cavalcanti (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Arthur Valle (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Maria João Neto (Universidade de Lisboa)
Marize Malta (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Sonia Gomes Pereira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adriana Nakamuta (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Ana Cavalcanti (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Arthur Valle (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Flora Pereira Flor (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Maria Cristina Volpi (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Maria João Neto (Universidade de Lisboa)
Marco Antonio Pasqualini de Andrade (Universidade Federal de Uberlândia)
Marize Malta (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Rafael Bteshe (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Sonia Gomes Pereira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alain Bonnet (Université Grenoble Alpes, França)
Emerson Dionísio de Oliveira (Universidade de Brasília, Brasil)
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa (Universidade Católica Portuguesa – Porto, Portugal)
Jorge Coli (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)
Luiz Alberto Freire (Universidade Federal do Bahia, Brasil)
Maria de Fátima Morethy Couto (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)
Raquel Henriques da Silva (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
Vítor Serrão (Universidade de Lisboa, Portugal)

COMISSÃO DE APOIO

Denilda Bortolletto (Universidade Estadual de Campinas)
Márcia Valéria Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Patrícia Telles (CEAAC da Universidade de Coimbra, CHAIA da Universidade de Évora)

REALIZAÇÃO

Grupo de pesquisa ENTRESSÉCULOS
Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/ Escola de Belas Artes/ Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Artes/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
ARTIS/ Instituto de História da Arte/ Faculdade de Letras/ Universidade Lisboa

APOIO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-87145-73-4



9 788587 145734